

# HOSPITALIZAÇÃO INFANTIL: impacto emocional indexado a figura dos pais

*CHILD HOSPITALIZATION: Emotional impact indexed to parental figure*

DOI: 10.16891/2317-434X.v8.e1.a2020.pp402-408

Recebido em: 17.08.2019 | Aceito em: 15.02.2020

**Amanda Nunes Ferreira<sup>a</sup>, Janayle Kéllen Duarte de Sales<sup>a</sup>, Hercules Pereira Coelho<sup>a</sup>, Francielton de Amorim Marçal<sup>a</sup>, Crisangela Santos de Melo<sup>a</sup>, Dennis Rodrigues de Sousa<sup>a</sup>, Andrea Couto Feitosa<sup>\*a</sup>**

Centro Universitário Leão Sampaio - UNILEÃO  
\*E-mail: andreafeitosa2020@gmail.com

## RESUMO

A hospitalização é considerada por sua vez uma experiência traumática na vida de qualquer familiar, onde em algumas ocasiões é preciso fugir da realidade de conforto para um novo mundo de incerteza e insatisfação, alterando a dinâmica psicossocial e emocional. O estudo objetivou conhecer o impacto emocional dos pais frente à criança hospitalizada, verificando as consequências apresentadas pelos genitores diante do processo de internação e identificando as estratégias utilizadas pelos pais frente durante o período de hospitalização. Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, de natureza qualitativa, desenvolvido em uma instituição hospitalar, localizada no município de Juazeiro do Norte-CE. De acordo com os resultados obtidos, percebeu-se quanto ao perfil sociodemográfico e econômico um predomínio de 40% dos genitores entre a faixa etária de 14 a 25 anos, 86,7% declararam ser da cor branca, 46,7% são casados, 60% do lar, 40% possuem ensino fundamental incompleto e 100% das pessoas recebem até um salário mínimo. No que se refere às consequências para os pais frente ao internamento, percebeu-se que a maior dificuldade está relacionada ao distanciamento da família. Em relação às principais estratégias utilizadas, ficou evidenciado que os entrevistados se fortaleçam na sua fé a um ser superior, como também, criam um vínculo de amizade entre os colegas do hospital, onde se encontram na mesma situação. Nesse sentido, faz-se necessário a busca por técnicas que possam diminuir as consequências acarretadas pela doença da criança, como também é importante à capacitação dos profissionais da saúde para tentar evitar e prevenir possíveis circunstâncias no processo de vivência e patologia da criança.

**Palavras-chave:** Impacto Emocional; Saúde da Criança; Hospitalização.

## ABSTRACT

Hospitalization is considered in turn a traumatic experience in the life of any family member, where sometimes it is necessary to escape from the reality of comfort to a new world of uncertainty and dissatisfaction, changing the psychosocial and emotional dynamics. The study aimed to know the emotional impact of parents in front of hospitalized children, verifying the consequences presented by parents in the hospitalization process and identifying the strategies used by parents in front of the hospitalization period. This is a descriptive, exploratory, qualitative study, developed in a hospital institution, located in the city of Juazeiro do Norte-CE. According to the results obtained, it was noticed as to the socio-demographic and economic profile a predominance of 40% of parents between the age group of 14 to 25 years old, 86.7% declared to be white, 46.7% are married, 60% of the household, 40% have incomplete elementary school and 100% of people receive up to one minimum wage. Regarding the consequences for parents regarding hospitalization, it was noticed that the greatest difficulty is related to the distance from the family. Regarding the main strategies used, it was evidenced that the interviewees strengthen their faith to a superior being, as well as create a bond of friendship between colleagues in the hospital, where they find themselves in the same situation. In this sense, it is necessary to search for techniques that can reduce the consequences caused by the child's disease, as well as the training of health professionals to try to avoid and prevent possible circumstances in the child's experience and pathology process.

**Keywords:** Emotional Impact; Child Health; Hospitalization.

## INTRODUÇÃO

A infância é uma fase caracterizada por mudanças evidentes no crescimento e desenvolvimento do indivíduo. É influenciada pelas variações do ambiente físico, familiar e social em que a criança está inserida. Os eventos na vida da criança, bem como seu desenvolvimento e crescimento, exercerão grande influência na fase adulta, tornando esta fase um período de grande relevância no ciclo vital. Por tratar-se de um período dinâmico, durante a hospitalização, é um momento que requer atenção e cuidado dos profissionais e serviços de saúde (VIEIRA et al., 2015)

A hospitalização compromete a vida da criança de várias formas, o que ressoa de maneira negativa na expressão de sentimentos e no seu desenvolvimento, haja vista a distância deste com os seus familiares e seu lar, com os quais têm convívio contínuo, aspectos estes que podem levar à criança a se sentir isolada e cada vez mais frágil, necessitando de extrema atenção (NICOLA et al., 2014)

De acordo com Lima et al. (2014), tomando as considerações autocentrado, a criança acaba enfrentando a hospitalização como punição drástica por algo cometido no seu dia a dia, e para reverter esse pensamento, a ferramenta do lúdico torna-se extremamente importante, principalmente na promoção da expressão de sentimentos da criança e no auxílio durante o período de internação hospitalar.

A mesma é considerada uma vivência desafiadora, responsável por várias mudanças na maioria das perspectivas de vida em família, incluindo a disjunção tanto dos pais como de outros parentes, principalmente, quando um dos membros precisa se locomover de um município à outro, para oferecer assistência a criança durante o episódio de internação. Geralmente, um dos pais, indispensavelmente, necessita se ausentar por tempo indeterminado do convívio familiar para presenciar a terapêutica do filho, o que causa uma preocupação e desestruturação temporal do núcleo familiar (SANTOS et al., 2015).

De acordo com os autores supracitados, a doença e a consequente hospitalização modificam o comportamento familiar, remetendo-os a um legado de sentimentos e alterações emocionais características de fuga da realidade, culpa e negação, bem como alterações psíquicas relacionadas à ansiedade (SANTOS et al., 2015).

Nesse contexto, vislumbra-se conhecer o perfil dos pais que convivem com a criança durante o internamento, pois são eles que suportam a dificuldade em se deslocar do ambiente familiar para o hospital, enfrentando algumas dificuldades, dentre elas, os sentimentos de insegurança, medo, apreensão, ansiedade e impotência diante da situação.

Para Xavier, Gomes e Salvador (2014), diante da vulnerabilidade vivenciada no momento da hospitalização da criança, os pais tornam-se suscetíveis às adversidades que passarão a enfrentar, necessitando da assistência da equipe de saúde. Ainda conforme os autores, os pais, perante a hospitalização da criança, podem se afligir e sofrer pela incapacidade da mesma em manter uma interação com seus familiares em benefício da melhoria do seu quadro clínico.

Ainda assim, apesar do acompanhamento dos pais, de acordo com Schneider e Medeiros (2014), devido ao isolamento existente e ao fato da criança se encontrar em um ambiente desconhecido, gera-se um sentimento de solidão associado com independência, não podendo ser ligado apenas a esse fator, mas também a necessidade de cuidados, que acaba de alguma forma rompendo de maneira rápida com o seu modo de viver. Nessa situação, o novo ambiente pode afetar a família, deixando-a se sentir cansada e pouco à vontade para realizar os cuidados com a criança, o que cursa com o desenvolvimento de dificuldades para o convívio no ambiente hospitalar. Diante do que foi exposto, surgiram as seguintes indagações: Quais as estratégias utilizadas pelos pais frente ao internamento? Quais as consequências apresentadas pelos pais diante do processo de internação?

A pesquisa justifica-se, no contexto acadêmico e social, pela necessidade de aprofundar os conhecimentos a respeito dos genitores, que na maioria das vezes, não estão preparados para vivenciar o processo de hospitalização dos seus filhos, a fim de promover a redução de alterações estruturais no seu cotidiano familiar, ocasionadas pela falta de estratégias de enfrentamento, e/ou pela ausência do acompanhamento profissional especializado durante o período de internação.

O estudo contribuirá para a atuação da equipe de enfermagem, haja vista permitir-lhes, a partir da análise do impacto da hospitalização nos pais, analisar e planejar estratégias quanto ao enfrentamento da hospitalização da criança, no sentido de minimizar os fatores psicofisiológicos, trazendo, dessa forma, uma satisfação para os profissionais da área de saúde e familiares da criança.

Assim, esta pesquisa objetivou conhecer o impacto emocional dos pais frente à criança hospitalizada, verificando as consequências apresentadas pelos genitores diante do processo de internação e identificando as estratégias utilizadas pelos pais frente durante o período de hospitalização.

## METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, de natureza qualitativa, realizado em uma unidade pública de referência em saúde para o atendimento materno-infantil no município de Juazeiro do Norte – Ceará, Brasil.

Assim, as entrevistas foram realizadas com 15 (quinze) pessoas, com idade entre 14 a 37 anos, genitoras de crianças internadas na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) da respectiva instituição de saúde. Ressalta-se que durante o período de coleta de dados não houve nenhum genitor, pai, acompanhando a criança na UTI. O estudo foi construído no período de agosto de 2017 a junho de 2018, sendo a coleta de dados realizada entre os meses de março e abril de 2018, de terça a quinta-feira, das 13h00 às 17h00, sendo que, para obtenção dos dados foi utilizado o roteiro de entrevista semiestruturada.

Os critérios de inclusão foram: pais de crianças internadas na UTI. Ao passo que os critérios de exclusão pautaram-se nos seguintes aspectos: pais cujos filhos estavam internados, e/ou em observação, em outros setores da unidade hospitalar; pais que não estavam acompanhando o seu filho durante a realização do estudo; e pais que detinham, comprovadamente, diagnóstico

clínico de algum distúrbio mental.

Os resultados foram dispostos em categorias temáticas, com o intuito de facilitar a compreensão quanto aos resultados obtidos, no qual as informações coletadas foram analisadas através da análise de conteúdo de Bardin (2011), e, posteriormente, discutidas à luz da literatura pertinente.

Ressalta-se que a pesquisa obedeceu a todos os aspectos éticos e legais estabelecidos pela Resolução nº 466/12, do Conselho Nacional de Saúde, que versa sobre os princípios legais das pesquisas com seres humanos, dentre os quais podemos citar: autonomia, beneficência, não maleficência e justiça (BRASIL, 2012).

Este projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio – UNILEÃO e aprovado sob parecer consubstanciado de nº: 2793324.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

As participantes da amostragem foram analisadas quanto à idade, raça, estado civil, ocupação, escolaridade e renda familiar, como demonstrado a seguir:

**Tabela 1.** Distribuição dos participantes do estudo segundo o perfil sociodemográfico e econômico, em uma Instituição Hospitalar, Juazeiro do Norte – Ceará. Brasil. 2018.

Variável	n	%
<b>Idade</b>		
14 _ 25	06	40
26 _ 30	05	33,3
31 _ 37	04	26,7
<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>100</b>
<b>Raça</b>		
Branca	13	86,7
Negra	01	6,7
Amarela	01	6,7
<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>100</b>
<b>Estado civil</b>		
Solteiro	05	33,3
Casado	07	46,7
União Estável	03	20
<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>100</b>
<b>Ocupação</b>		
Dona do Lar	09	60
Auxiliar de produção	01	6,7
Auxiliar de escritório	01	6,7
Estudante	01	6,7
Técnica de radiologia	01	6,7
Doméstica	01	6,7
Fabril	01	6,7

<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>100</b>
<b>Escolaridade</b>		
Ensino Fundamental Incompleto	06	40
Ensino Fundamental Completo	03	20
Ensino Médio Incompleto	04	26,7
Ensino Médio completo	02	13,3
<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>100</b>
<b>Renda familiar</b>		
Até 01 salário mínimo	15	100
<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa Direta, 2018.

De acordo com a tabela 1, em relação à idade, 40% (n=6) das entrevistadas estão compreendidas entre a faixa etária de 14 a 25 anos, dado este que difere dos resultados encontrados por Granzotto et al. (2014), os quais, em seu estudo, evidenciaram uma prevalência de genitoras com faixa etária entre 20 e 29 anos, representada por 50,5% da amostra.

No que concerne à raça, 86,7% (n=13) declararam ser da cor branca, ademais para aquelas que se autodeclararam negras e amarelas representaram 6,7% (n=1) para ambas as categorias.

Segundo a variável estado civil, 46,7% (n=7) são casadas, o que diverge do estudo de Melo et al. (2014), no qual foi observado um total de 86% da amostra como sendo casada, e/ou vivendo em união estável. Ao passo que, Vicente et al. (2016) demonstraram em sua pesquisa que a maior parte dos pesquisados vivem em união estável, correspondendo a um total de 90% de sua amostra.

Soares (2014) em sua pesquisa constatou que, dos onze participantes de seu estudo, seis pessoas conviviam em união estável. Portanto, os resultados apresentados apontam que existe predomínio de indivíduos em união estável, no que diz respeito ao estado civil, o que discorda dos resultados encontrados e apresentados neste estudo.

De acordo com a ocupação, 60% (n=9) das participantes são donas do lar. Resultado este similar ao obtido por Granzotto et al. (2014), os quais evidenciaram em seu estudo que 50% das genitoras desempenhavam somente atividades no seu próprio lar.

Em relação à escolaridade, 40% (n=6) das entrevistadas possuíam ensino fundamental incompleto. Os achados da pesquisa de Soares (2014) convergem com os dados apresentados com este estudo, em relação ao grau de instrução, os quais apontam que dentre onze genitoras, 45% possuíam apenas o ensino fundamental incompleto. Resultado este divergente dos obtidos por Salvador (2015), os quais demonstram que, em um estudo realizado com quinze famílias, oito apresentam

1º grau incompleto, três possuem 1º grau completo e seis com 2º grau completo, e por fim, apenas um está cursando a universidade. Portanto, percebe-se que há um predomínio naqueles que possuem somente o 1º grau completo.

Em relação à renda familiar, verificou-se que 100% (n=15) recebem até 01 (um) salário mínimo. Posto isso, encontram-se resultados divergentes do que foi apresentado na pesquisa, quando Soares (2014) aponta que a renda familiar variou entre menos de um a cinco salários mínimos. Resultado similar também foi evidenciado por Gonçalves et al. (2017), os quais observaram que a maior parte das participantes da pesquisa possuía renda mensal igual ou inferior a um salário mínimo.

## CATEGORIAS TEMÁTICAS

Diante da construção das categorias temáticas, quando as genitoras foram questionadas acerca das consequências advindas da internação do seu filho (a), as respostas a essa categoria possibilitaram averiguar que, para as genitoras a hospitalização representa muito mais do que um mundo de incertezas, sendo esta designada pela perda da normalidade e mudanças da rotina, representada por modificações na dinâmica familiar, impostas pela implementação da rotina hospitalar, frente aos procedimentos e horários das refeições, e outros.

### CATEGORIA TEMÁTICA 1: Consequências para as mães frente ao internamento da criança

Esta categoria ressalta a percepção materna quanto ao processo de hospitalização da criança e suas consequências mediante a separação da família, a falta de um ente familiar para dialogar, mudança na rotina diária e os sentimentos que as mães apresentam durante os dias em que as crianças estão internadas.

A seguir, as falas maternas são apresentadas no

intuito de melhor demonstrar os resultados encontrados desta pesquisa:

*“Sinto falta da minha família porque estão longe, não está perto para dar apoio, incentivar, conversar etc [...] E isso faz com que eu me sinta só”. (P6)*

*“O que cansa bastante são os horários de rotina hospitalar, a gente tem que estar para lá e para cá”. (P12)*

De acordo com Sousa et al. (2015), a experiência da hospitalização, vivenciada pela família na Unidade de Terapia Intensiva (UTI), remete a sentimentos que geram medo, tristeza e solidão, ocasionados pelo afastamento da família, o que fragiliza ainda mais o momento perpassado.

Para Gomes e Nobrega (2015), diante da hospitalização, a criança e a família são afetadas pela interrupção do convívio no ambiente familiar, passando estes a conviver em um ambiente comumente hostil. Para muitos, essa é uma experiência frustrante e exaustiva para a criança e para o acompanhante, a qual pode remeter ao desenvolvimento do sentimento de solidão.

Dessa forma, percebe-se que, o cenário hospitalar destitui momentaneamente o laço familiar, somando a isso a debilitação psicossocial e física, destacando-se a transmutação do sentimento emocional.

Passos, Pereira e Nitschke (2015) relatam que as rotinas demandadas pelas instituições hospitalares, as quais as famílias devem seguir, são muito distintas das vivenciadas na realidade do âmbito domiciliar, como por exemplo, as acomodações do quarto, tornando cada vez mais cansativo a internação.

Segundo Maia (2014), a nova rotina do hospital é vislumbrada como um empecilho, porque as famílias não estão preparadas para esse novo mundo, trazendo-lhes sentimentos indesejáveis. Cada dia de internamento maximiza o sentimento de angústia, pois quando o familiar retorna para casa não pode levar consigo o seu filho.

Ressalta-se que, além da tensão evidenciada nas mães devido ao processo de internação do filho, um dos fatores que mais dificultam essa experiência vivenciada pelas mesmas é a imposição de rotinas distintas, das quais a mesma está familiarizada no seu ambiente social comum.

Em meio às dificuldades e consequências acarretadas pela hospitalização é preciso força e equilíbrio emocional para conseguir lidar com toda a situação, precisando para isto utilizar-se de estratégias de enfrentamento.

## **CATEGORIA TEMÁTICA 2:** Estratégias utilizadas pelas genitoras frente ao internamento

Essa categoria demonstra como ocorre a mudança no comportamento das genitoras, mediante a internação dos infantes, fato esse que se consolida de acordo com o número de dias em que a criança fica hospitalizada, momento no qual as crenças religiosas se intensificam.

A seguir, algumas das falas são apresentadas pelas genitoras, no intuito de melhor demonstrar os resultados encontrados nesta pesquisa:

*“Precisei fazer amizade, para poder lidar com a situação, que é realmente complicada”. (P4)*

*“Me apegar muito a Deus, e me animar, porque senão minha filha sente minha tristeza e não se recupera”. (P9)*

De acordo com Neves et al. (2018), as famílias se apegam a esperança e a fé como forças superiores destinadas a propiciar a superação do processo de internação em que se encontra o parente. A certeza de que há um Deus em quem podem acreditar e depositar sua confiança incita forças para superar esse processo doloroso, vivenciado tanto pela criança como pelos pais.

Para Figueiredo et al. (2017), o processo de adoecimento evidenciado pela hospitalização do filho leva a mãe a buscar medidas para sua própria dor, sendo elas expressas por meio de estratégias como a fé em Deus, de modo a proporcionar-lhes força e esperança para aceitar os acontecimentos da internação hospitalar, assim como cuidar do seu filho.

Em face disso, é evidente que as famílias usam seus próprios recursos para lidar com a situação da internação do filho, adequando a isso a fé em crenças existenciais, podendo assim se fortalecer e enfrentar as atribuições demonstradas pelo âmbito hospitalar.

Anjos, Santo e Carvalho (2014), citam que é nessa situação de desespero que se estabelece um sentimento mútuo de empatia entre os pais que acabaram de chegar com seu filho para internação, com os pais que já estão há mais tempo acompanhando o tratamento dos seus entes, formando um vínculo entre si de afeto, sendo possível uma mãe prestar o seu apoio e carinho a cada uma das outras que se encontram na mesma circunstância.

Portanto, é perceptível que além das estratégias dos próprios recursos, existem técnicas entre

peçoas, no qual as mães entre si buscam o apoio em meio as que estão passando pelo mesmo episódio, formando um vínculo de amizade. Assim, diante da observação dos diferentes relatos, permeia-se a perspectiva de que as genitoras possam se sentir um pouco mais confortável no ambiente em que se encontram ao passo que renovam suas forças, esperança e fé.

## CONCLUSÃO

Diante do exposto, evidencia-se que, se faz essencial a assistência das genitoras aos filhos internados em unidades hospitalares, tendo em vista que a presença e a participação ativa no processo de internação podem contribuir de forma significativa no processo de recuperação da saúde. Ademais, foi notória a presença efetiva das genitoras, em que se ressalta que o dever do cuidado é uma prática fundamental que cabe tanto aos pais quanto as mães, o que implica, em tempo, necessariamente, no resguardo aos direitos humanos fundamentais.

Em relação aos resultados obtidos, constatou-se, quanto ao perfil sociodemográfico e econômico, que a maioria das participantes está compreendida na faixa etária entre 14 a 25 anos, são de cor branca, casadas, donas do lar, possuem ensino fundamental incompleto

e renda familiar de até um salário mínimo.

No estudo foi constatado que, em relação às consequências para os pais frente ao internamento, percebeu-se que a maior dificuldade está relacionada ao distanciamento da família. Em relação às principais estratégias utilizadas, ficou evidenciado que as entrevistadas se fortalecem na sua fé e esperança em um ser superior.

Dessa forma, a pesquisa buscou evidenciar que a hospitalização pode cominar no desenvolvimento de mudanças drásticas na vida cotidiana da família, a qual pode ser vislumbrada com uma experiência totalmente diferente da qual estão habituadas.

Nesse contexto, é necessária a busca por técnicas que possam diminuir as consequências impetradas aos pais durante o período de hospitalização do menor impúbere, dentre as quais podemos citar a escuta ativa por parte dos profissionais da equipe interdisciplinar de saúde, bem como a promoção de uma comunicação efetiva com os pais da criança hospitalizada, a fim de favorecer sua compreensão quanto à realização dos diversos procedimentos e os benefícios destes para a melhoria da saúde do seu filho. Em tempo, faz-se também necessária a capacitação dos profissionais da área da saúde frente às situações adversas impostas pelo episódio de internação à criança e aos seus familiares.

## REFERÊNCIAS

ANJOS, C.; SANTO, F. H. E.; CARVALHO, E. M. M. S. O câncer infantil no âmbito familiar: revisão integrativa. **Revista mineira de enfermagem**. 2014. Acesso em 02 de Abril de 2018.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo; Edições 70. 2011.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Acesso em: 07 set. 2017.

FIGUEIREDO, S. V.; GOMES, I. L. V.; PENNAFORT, V. P. S.; MONTEIRO, A. R. M.; FIGUEIREDO, J. V. Sentimentos de mães atribuídos à hospitalização de um filho. **Cogitare Enferm.**, 2017. Jul-Set; 18(3):552-7. Acesso em 01 de Abril de 2018.

GOMES, G. L. L.; NOBREGA, M. M. L.; Ansiedade da hospitalização em crianças: proposta de um diagnóstico de enfermagem. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, 2015. Acesso em 30 de Abril de 2018.

GONÇALVES, K. G.; FIGUEIREDO, J. R.; OLIVEIRA, S. X.; DAVIM, R. M. B.; CAMBOIM, J. C. A.; CAMBOIM, F. E. F. Criança hospitalizada e equipe de enfermagem: opinião de acompanhantes. **Revista de enfermagem UFPE on line**. Recife-PE, 11(Supl. 6):2586-93, jun., 2017. Acesso em 18 de maio de 2018.

GRANZOTTO, J. A.; MOTA, M. D.; VECCHI, A. A.; SANTOS, E. O.; GONÇALVES, E. R.; SILVA, J. B. Y.; UMPIERRE, M. M.; MORAES, S. M. C. Características sociodemográfica maternas e perfil das crianças internadas em um hospital do sul do Brasil. **Revista de enfermagem da UFSM**. 2014 jan-mar; 4(1): 97-104. Acesso em 18 de maio de 2018.

LIMA, K. Y. N.; BARROS, A. G.; COSTA, T. D.; SANTOS, V. E. P.; VITOR, A. F.; LIRA, A. L. B. C. Atividade lúdica como ferramenta para o cuidado de enfermagem às crianças hospitalizadas. **REME • Rev Min Enferm**. 2014 jul/set; 18(3): 741-746

MAIA, J. M. A.; SILVA, L. B.; FERRARI, E. A. S. A relação da família com crianças hospitalizadas na unidade de terapia intensiva neonatal com a equipe de enfermagem. **Revista Enfermagem Contemporânea**. 2014 dez; p. 154-164. Acesso em 09 de nov. de 2017.

MELO, E. M. O. P.; FERREIRA P. L.; LIMA, R. A. G.; MELLO, D. F. Envolvimento dos pais nos cuidados de saúde de crianças hospitalizadas. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. maio-jun. 2014; 22(3):432-9. Acesso em 18 maio de 2018.

NEVES, L.; GONDIM, A. A.; SOARES, S. C. M. R.; COELHO, D. P.; PINHEIRO, J. A. M. O impacto do processo de hospitalização para o acompanhante familiar do paciente crítico crônico internado em Unidade de Terapia Semi-Intensiva. **Rev. Escola Anna Nery**. 22(2) 2018. Acesso em 01 de Abril de 2018.

NICOLA, G. D. O.; ILHA, S.; DIAS, M. V.; FREITAS, H. M. B.; BACKES, D. S.; GOMES, G. C. Percepções do familiar cuidador acerca do cuidado lúdico à criança hospitalizada. P. 982. **Revista de enfermagem UFPE on line.**, Recife, 8(4):981-6, abr., 2014  
PASSOS, S. S. S.; PEREIRA, A.; NITSCHKE, R. G. Cotidiano do familiar acompanhante durante a hospitalização de um membro da família. **Acta Paul Enferm.**, 2015. 28(6):539-45. Acesso em 01 de Abril de 2018.

SALVADOR, M. S. **Vivências do familiar no cuidado a crianças com doenças crônicas: subsídios para a prática da enfermagem.** (Monografia) 97 f. Rio grande 2015. Acesso em 18 de maio de 2018.

SANTOS, L. F.; OLIVEIRA, L. M. A. C.; BARBOSA, M. A.; SIQUEIRA, K. M.; PEIXOTO, M. K. A. V. Reflexos da hospitalização da criança na vida do familiar acompanhante. **Revista brasileira de**

**enfermagem** vol.66 no. 4 Brasília Jul/Ago. 2015.

SCHNEIDER, C. M.; MEDEIROS, L. G. Criança hospitalizada e o impacto emocional gerado nos pais. Joaçaba, **Revista unoes e ciência**. v.2, n. 2, p. 140-154, jul-dez. 2014. Acesso em 24 de agosto de 2017.

SOARES, D. D.; **Vivências do pai acompanhante no processo da hospitalização do filho.** Monografia 63 f. Natal-RN, 2014. Acesso em 18 maio de 2018.

SOUSA, M.; GEORGINA, F.; SANTOS, A.; MARCELO, D.; LIMA, F. O.; ROSÁRIO, H.; SILVA, M.; CRISTINA, D.; CABEÇA, P. F.; LUCIANA; PERDIGÃO, L.; LETICIA, E. O Familiar na Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica: um contexto revelador de necessidades. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, vol. 7, dez., 2015. p. 77-94. Acesso em 30 de Abril de 2018.

VICENTE, S. R.; PEREIRA, K. M. P.; MOURÃO, A. L.; ALMEIDA, S. M.; NASSER, C. M.; ARAUJO, Z. T. Impacto emocional e enfrentamento materno da anomalia congênita de bebês na utin. **Psicologia, Saúde e Doenças** vol. 17, núm. 3, 2016, p. 454-467. Acesso em 18 de maio de 2018.

VIEIRA, M. M.; WHITAKER, M. C. O; COSTA, A. A.; RIBEIRO, J. M. A atenção da enfermagem na saúde da criança: revisão integrativa da literatura. **Revista Uniara**. Vol. 18, nº 1, 2015. Acesso em Acesso em 18 de maio de 2018.

XAVIER, D. M.; GOMES, G. C.; SALVADOR, M. S. O familiar cuidador durante a hospitalização da criança: convivendo com normas e rotinas. Rio Grande-RS, **Revista de enfermagem**. 18(1) Jan-Mar 2014. Acesso em 24 de agosto de 2017.